

A LENDA DE TERESÓPOLIS

Dhâranâ nº 124 – Abril a Junho de 1945 – Ano XX

Redator : Prof. Henrique José de Souza

A lenda que hoje oferecemos aos leitores desta, Seção especial dedicada a São Lourenço – e desconhecida por completo, dos maiores historiadores, justamente pela distancia do tempo em que ocorreu o fato na mesma descrito – se acha estreitamente ligada aos mistérios que envolvem a Obra grandiosa em que a S.T.B., hoje, SBE, está empenhada.

Dentre eles, por exemplo, Teresópolis demarca a etapa anterior a que chegou a Mônada, na sua marcha evolucionar através do "Itinerário de lo", antes de firmar-se no coracinal sacrário do prodigioso Estado de Minas Gerais, que tem o nome de SÃO LOURENÇO.

Dadas as possíveis explicações, passamos à lenda:

Muitos séculos antes de Cabral ter aportado na enseada a que ele mesmo deu o nome de Porto Seguro, e o Brasil não ser mais do que "uma selva selvagem" – embora que de há muito banhada pelos aurefulgentes lampejos de Svaraj, como "sétimo raio do Sul místico", Surya, anunciador da "Missão dos Sete Raios de Luz", região poupada pela grande catástrofe atlante, ocorrida há perto de um milhão de anos e onde as serras do Parimã, do Roncador, dos órgãos, da Canastra, Mantiqueira e outras mais se erguem, altivas e garbosas, para a abóbada celeste, como "lugares jinas do Brasil" e que certos gananciosos civilizadores se arrogam o direito de devassar, dando preferência ao ouro e às gemas preciosas "que se ocultam no seio da terra", ao invés da chamada "proteção aos índios" – dizíamos, no lugar hoje conhecido por "Baixada Fluminense", e toda a zona que, na mesma latitude, compreende a serra onde assenta a formosa Teresópolis, em direção a Magé, era o reduto de duas poderosas tribos: a que vivia na planície, muito maior, formada pelos terríveis Caacupês, enquanto a da montanha, pelos Gurupiras ou Grupiaras. Esta, embora que guardiã dos mais preciosos tesouros iniciáticos da civilização atlante, era cruelmente perseguida pela primeira, cujas características comprovavam a sua afastada origem lemuriana.

Teosoficamente falando, os Caacupês eram francamente lunares ou apásicos, por viverem na planície, numa região um tanto pantanosa, enquanto a dos Gurupiras, uma raça solar, como prova, por sua vez, a escolha dos altos cumes da Serra por, morada, cujo nome naquela época, era Itapira. Quanto à elevação que hoje tem o nome de "Dedo de Deus", chamava-se Aca-Bangú.

Invejosos e maus, como eram os Caacupês, todo o seu desejo consistia em aniquilar até último rebento dos seus bondosos vizinhos, e apoderar-se da, jovem Abayú, filha de Guarantan, chefe da tribo dos Gurupiras. Abayú, como verdadeira sacerdotisa mantenedora de Agni, o fogo sagrado, vivia em "tabú". Sabia muito bem dos seus espirituais privilégios, o feiticeiro da tribo inimiga, chamado Bagé-Baguá, famoso evocador de *anhã* e *anhanga*, ou sejam, os maus espíritos e o próprio diabo. Insinuara Ele, ao chefe da tribo dos Caacupês, de nome Cabuna, "o casamento do seu filho Apiamira, com a formosa e privilegiada jovem Abayú, para que dessa união nascesse o futuro chefe da tribo dos Caacupês".

Entretanto, do lado oposto havia alguém que vigiava muito de perto "a virgem do tabu", ou seja o seu inseparável amigo, protetor e "mestre" – senhor de grandes poderes ocultos, e pajé também da mesma tribo, cujo nome era Açocê-Bu. Nem podia deixar de ser assim, porquanto, nesse mesmo "tabu" se conservava, a velha tradição de "um enviado do céu", o grande "Cabarú-Tupã" que devia desposar a formosa "Abayú", de cuja união nasceria o futuro chefe da tribo, que conduziria seu povo à "região da fartura, da paz e da felicidade".

O nascimento da mesma Abayú, já fora anunciado "por um ser de grande esplendor", à sua mãe Morira, de quem a filha herdara a sua beleza e outros predicados, além dos espirituais, que lhe davam o direito, portanto, de ser "a esposa do enviado do céu", e conseqüentemente, a mãe do futuro chefe da tribo, dos Gurupiras.

Logo que a virgem completou os dezesseis anos de idade, e os sinais celestes, inclusive, os relacionados com o primeiro dia da Lua Nova; e Júpiter com Saturno em conjunção, foi ela mesma quem como sua mãe já falecida, recebeu o aviso feito por um anjo (ou Deusa) "de que, o seu Bem-amado estava prestes a chegar, para, na mesma ocasião, tomá-la por esposa, depois de derrotar

os ferozes inimigos da tribo dos Gurupiras. E dessa união, mais mística do que sexual, nascer Aquele que deveria conduzir seu povo à região da fartura, da paz e da felicidade"...

Ciente o seu protetor e amigo, de tão auspicioso acontecimento; ele conduziu a virgem à presença de seu pai, para que Este, por sua vez, prevenisse a todos os filhos da tribo, que o momento se aproximava da grande batalha que deveria ser travada com serra de vizinhos inimigos. E, conseqüentemente, a chegada do "enviado dos céus", o filho de Tupã, que tomaria por esposa "a virgem, do tabu", por todos querida e respeitada.

Durante os três dias que antecederam ao primeiro da Lua Nova de Maio, o ritual foi mantido com todo o rigor. E as armas preparadas para a grande luta que deveria travar-se na mesma ocasião. Na planície, os Caacupês previam alguma coisa inesperada, pois, além de acenderem fogueiras que se repetiam em grande extensão, como sinal a todos os filhos da tribo, para se aproximarem do lugar, dançavam, cantavam, fazendo rufar os *guararás*, soprando os *catapuçús* e os *borés*, de modo verdadeiramente ensurdecidor...

O céu, até então crivado de estrelas – começou a tocar um aspecto sombrio: as nuvens encara-colando-se ... mais pareciam serpentes aladas querendo despenhar-se em cima do lugar visado pelas forças cósmicas, para um grande e novo acontecimento no mundo dos mortais...

Os filhos da tribo privilegiada dos Gurupiras, com seu chefe à frente, ladeado por sua filha Abayú e o sacerdote Açocê-Bu, estavam formados em três círculos concêntricos, mo mais transcendental dos simbolismos, que, em verdade, é o dos três sóis, tendo por, trás o Sol oculto ou espiritual...

O mesmo fenômeno se dava no céu: as nuvens comprimindo-se de encontro uma às outras deixavam no centro um grande rombo, em forma circular, como se fossem três arco-íris ligados nas pontas, à guisa de grinaldas de flores. E onde se via por baixo, rutilando no esplendor mágico do seu próprio simbolismo, o CRUZEIRO DO SUL.

Eis quando, do seio da terra, línguas de fogo começaram a erguer-se, como se fossem verdadeiras e enormes fogueiras. Por sua vez, fogos cambiantes, em forma de bolas, saltitavam por toda a parte, principalmente de um serro a outro, obedientes às três cores matrizes: amarelo, azul e encarnado.

Em baixo, o clamor terrível dos Caacupês, dava a impressão de perigosos demônios lançados do inferno, desafiando as criaturas, os próprios deuses nos céus...

Com os punhos voltados para o cume da Montanha, gritando, gesticulando, lançando as primeiras flechas, como desafio à tribo privilegiada dos Gurupiras, o quadro cada vez mais se assemelhava ao da "capital do inferno", pois, segundo Milton, seu nome era: *Pandemonium*.

E uma chuva de estrelas riscando a abóbada celeste, em todos os sentidos, já então completamente despida de nuvens, foi o sublime prenúncio da vinda do "Cavaleiro das idades". o enviado dos céus, "o filho de Tupã", há tanto tempo esperada pela tribo dos Gurupiras, a contar toda um ciclo numeral e cabalístico de "luas novas, que sucediam umas às outras" ...

laguabebê! laguabebê! Cabaru-pararanga! Cabaru-pararanga! exclamavam, numa alegria indescritível, os filhos da tribo dos Gurupiras.

E como se tivesse caído do céu, apareceu no centro dos três círculos, bem diante do "tabu", "o Cavaleiro celeste", Seu cavalo todo ajaezado, era de uma alvura imaculada!

Ele saltou dos estribos e dirigiu-se primeiro à sua esposa: Ajoelhou-se e tomando entre as suas, as delicadas mãos da "jovem sacerdotisa", beijou-as com todo o respeito. Ergueuse e abençoando toda a tribo, foi direito ao sacerdote Açocê-Bu, que, neste momento, prostrando-se de joelhos diante de Cabarú-Tupã, beijou a terra por três vezes. A seguir, aproximando-se de Guarantan, a chefe da tribo, beirou-Lhe a frente, estreitando-o nos braços... "Chefe da tribo dos Gurupiras, disse ele, a quem coube a graça de ser pai da divina Abayú, filha também de Morira, hoje no reino, celeste, Eu te saúdo repleto de amizade e respeito. Tu és u tronco donde vai surgir a nova raça, da qual meti filho Mora-Morotin será seu guia espiritual... E eu sou "o filho de Tupã", do qual se

originam todos os seres da Terra. E para o qual todos eles não de voltar um dia, purificados da sua primitiva mácula..." E tomando da sua espada flamígera, lançou o grito de guerra, que foi ecoando pelas quebradas da serra, pela floresta a dentro...

Nesse ínterim, os mais afoitos da tribo inimiga, como que possuídos do diabo, alcançavam os altos penhascos da serra do Itapira. Enquanto os que se achavam apenas dos contrafortes, manejando seus poderosos arcos, enviavam, para o alto o aguçadas e venenosas flechas preparada para aniquilar "até o último rebento da tribo dos Curupiras".

Eles haviam presenciado o "milagre". E com isto, a sua fúria, foi muito maior...

Entretanto, um ruído estranho se fizera ouvir partido do seio da terra, abalando a própria montanha! E uma chuva de pedras começou a desabar sobre "os inimigos da Lei": os decaídos "lunares", em combate com os "solares", os filhos do céu...

E as rochas maiores sucederam as menores! Fui uma devastação horrível! Muito mais, quando "o cavaleiro celeste", à frente do seu exército, despenhou-se pela montanha abaixo, como se tivessem todos sem excreção alguma, asas nos pés...

Por toda a parte, cadáveres da tribo inimiga. Em baixo, porém, guardando certa distância, estava postada uma grande massa humana, feroz, terrível, como os próprios demônios!

A batalha maior teve lugar na planície.

Mesmo assim dentro em pouco estava quase dizimada a tribo dos Caacupês, porquanto os poucos elementos que lhe restavam, fugiam espavoridos para as bandas do Norte...

O povo privilegiado, seguindo seu chefe temporal. e espiritual, começou a galgar o espinhaço da serra do Itapira. Em chegando ao alto, foram recebidos pelo Chefe da tribo, ladeado por sua filha Abayú e o sacerdote Açocé-Bu além de doze guerreiros escolhidos, formando aquela misteriosa "corte", que de nenhum modo deveria, naquela ocasião, abandonar o "tabu".

E o ritual do casamento teve lugar. As festas se prolongaram durante sete dias...

.....

Nove meses depois de tão auspicioso acontecimento, teve lugar um outro maior: a vinda à luz do dia, de Mora-Morotim, o futuro chefe e Guia da tribo dos Gurupiras, em direção "à região da fartura, da paz e da felicidade".

Tal fato, entretanto, só se deu, vinte e um anos depois, quando o mesmo Ser alcançou a maioridade.

Um grande cortejo, formado por algumas centenas de pessoas, dirigiu-se para a "Terra Prometida".

Nessa época, já o "Cavaleiro celeste" havia desaparecido, da mesma maneira por que havia chegado! Durante muito tempo, preparou ele o espírito de sua esposa, para aceitar aquela dolorosa separação, como "uma Ordem emanada do céu"...

E a tribo chegou; finalmente ao lugar apontado pela secular tradição, o qual não é outro, senão, o que traz ainda hoje o misterioso nome de: AYURUOCA, no sul de Minas.

Tal como acontecia com Tamandaré, Mora-Morotim, "ensinava aos filhos da tribo, o que, durante a noite aprendia doe céus"...

E a tribo continuou feliz por muito tempo.

ESCLARECIMENTOS

Como se viu, á raça lunar ou à dos Caacupês vivia na planície, ou lugar pantanoso, acásico, psíquico ou astral. Enquanto a solar ou dos Gurupiras ou Grupiaras, no cume da montanha, Cume ou Kumara, tanto vale.

Outrossim, vemos reproduzida a tradicional batalha "entre lunares e solares", como aquela do Mahâbharâta, "no campo de Kurukshetra", que é o da vida. Vejamos agora, os nomes dos personagens, lugares e coisas, que fazem parte da referida lenda:

Itapira: o nome da serra, onde hoje se assenta a. bela Teresópolis, cujo nome, como se sabe, provém da Imperatriz do Brasil, D. Teresa de, Alcântara; do mesmo modo que, Petrópolis, de seu esposo e último imperador do Brasil, D. Pedro II, dizíamos, tal nome, quer dizer: "a pedra inclinada". Em outras línguas pre-cabrálicas: "Montanha de Fogo".

Magé: nome que tem hoje a parte litorânea da referida região, significa: "O antro do feiticeiro", o que diz bem da raça que habitava a planície. E também, do seu pajé:

Pajé-Baguá "o feiticeiro da lagoa".

Pajé, (Bajé), "feiticeiro ou mago, termo este que, sendo anagrama do OGAM, africano, é dado ao "pai de santo ou do terreiro". Evocador de anã e anhangá, (no tupi) ou sejam: almas errantes (Kamarupas, como se diz no Oriente) e o mesmo "diabo"...

Aca-Bangú, antigo nome do penhasco que tem hoje o nome "Dedo de Deus". significa: "A ponta, a saliência escura da serra".

Caacupê: nome da tribo lunar ou da planície tem o significado: "por baixo do monte".

Guararás, catapuçús e borés: tambores, búzios, canas, etc.

Cabuna, nome de seu chefe: "a vespa negra".

Apiamira: o nome de seu filho, com o qual desejava a tribo que se casasse Abayú, a sacerdotisa ou jovem que vivia em "tabu", na tribo dos Gurupiras, significa: "o pintado, o macho, o varão de um povo, etc. ".

Gurupira, nome da tribo solar ou do alto, quer dizer:.."o que fica por trás da serra, do monte, etc. ".

Guarantan, nome do chefe dessa tribo: "a madeira rija", o forte, o guerreiro, etc."

Açocé-Bu, nome do pajé superior ou sacerdote, aquele que protege às ocultas (uma espécie do "Dai com a direita, que a esquerda não veja").

Araberí, também era seu nome, com o significado: "o peixinho dourado" (da água doce, etc.). No

Zend: Arabin, ou seja, "o que preside o fogo", na mesma razão do termo sânscrito : Arambha-Berham .

Abayú, nome da virgem do "tabu" ou sacerdotisa: "a que tem os cabelos ruivos ou louros". **Mori-Ra,** nome de sua mãe, quer dizer: "a ventura das venturas" ("a felicidade solar").

Cabarú (ou Cabayú) – Tupã: "o cavaleiro celeste", o esperado ("o cavalo alado"). Também chamado BOTUCA-VARU.

Iaguabebê, "estrelas cadentes". Cabarú-pararanga: o cavalo das nuvens, alado, etc.

Mora-Morotin: nome do "filho da tribo", ou seja "aquele que devia guiá-la à "região da fartura, da paz e da felicidade", tem por significado: "o alvíssimo filho do povo", o puro, o imaculado, o perfeito, etc.

Note-se que os dois termos são escritos cota a misteriosa letra "M", da qual Já nos ocupamos em outros lugares deste trabalho, Exemplo: Mitra, Maltri, Maitréia, etc. Além de que, MORA faz lembrar outros termos Sagrados, como sejam: Morya, Mouro, Merú, Marú, etc., etc.

Tamandaré (ou Tamoinda-ré), quer dizer: "o repovoador", "o condutor de povo", etc.

Ayuruoca, região para onde foi conduzido o povo da montanha Itapira, pelo Manu acima referido, quer dizer em língua tupi: "o buraco da rocha, da caverna, etc." Em sânscrito se decompõe em dois termos que completam esse mesmo sentido, ou sejam:

AYUR (ou AJUR) e LOKA: "a região da Luz", da Iluminação, da Sabedoria Perfeita (Teosofia, hoje, Eubiose) donde ser "a região da verdadeira Paz e da Felicidade".

Finalmente, **Roncador,** ou seja o nome que tem hoje a conhecida serra matogrossense, era chamada pelos tupis: ITA-POROROCA: "a pedra que ronca, que ruge, que fala, etc. ".

O gentio daquele lugar, também a denomina entre si: MATATU-ARARACANGA, com o significado de "cabeceira das araras". Este último termo, como também, o segundo, de que o gentio se serve para a Serra do Roncador, fazem lembrar o "Monte Ararat", bíblico, onde a Arca de Noé encalhou ... No entanto, existe um outro lugar, que a bem dizer, é "uma projeção da mesma cordilheira", à qual se aplica muito melhor, aquele termo, ou seja: "Serra das Araras".

O autor.